

**OLIMPÍADA DOWN – CELEBRANDO A DIVERSIDADE HUMANA: RELATO
DE EXPERIÊNCIA DE UMA METODOLOGIA DE ENSINO NA MODALIDADE
REMOTA**

***DOWN OLYMPICS - CELEBRATING HUMAN DIVERSITY: EXPERIENCE
REPORT OF A TEACHING METHODOLOGY ON THE REMOTE MODALITY***

***OLIMPIADAS DE DOWN – CELEBRANDO LA DIVERSIDAD HUMANA:
INFORME DE EXPERIENCIA DE UNA METODOLOGÍA DE ENSEÑANZA EN
LA MODALIDAD A DISTANCIA***

Manoel Messias Alves de Souza

manoel.souza@univasf.edu.br

Doutor em Educação

Universidade Federal do Vale do São Francisco

Rosangela Vieira de Souza

rosangela.souza@univasf.edu.br

Doutora em Educação em Ciências

Universidade Federal do Vale do São Francisco

Jéssica da Silva Pires

jesk_pires@hotmail.com

Pós-graduanda em Dinâmicas de Desenvolvimento do Semiárido- Univasf

Juliana Custódio de Carvalho Lemos

juliana.custodio@outlook.com

Pós-graduanda em Dinâmicas de Desenvolvimento do Semiárido - Univasf

Marciano Carvalho da Silva

mcarsil2@gmail.com

Pós-graduanda em Dinâmicas de Desenvolvimento do Semiárido - Univasf

RESUMO

A pandemia causada pela Covid-19 trouxe sequelas inimagináveis para todos os setores da sociedade brasileira, com especial impacto na qualidade da educação entre os anos de 2020 e 2022. Nesse cenário de prejuízos educacionais, destaca-se a ausência de alternativas pedagógicas para garantir mínima qualidade de apoio às crianças com Síndrome de Down. Este manuscrito objetiva relatar a contribuição de um projeto educacional desenvolvido no âmbito da disciplina Ciência e Diversidade Humana do Curso de Licenciatura em Ciências da Natureza da Universidade Federal do Vale do São Francisco intitulado "Olimpíada Down". O projeto foi desenvolvido visando criar pontes entre as famílias e os processos educativos, empoderando crianças com SD, especialmente no contexto do necessário isolamento social causado pelas restrições impostas pelas autoridades sanitárias brasileiras, devido à pandemia da Covid-19; e, fomentar o aprendizado dos licenciandos envolvidos na proposta com foco no empreendedorismo em sala de aula, tangenciando os preceitos da aprendizagem baseada em projetos. Dentre os resultados, destacam-se a participação de alunos/famílias de quatro estados da federação, Bahia, Pernambuco, Ceará, Paraná e o Distrito Federal, e o alcance de mais de 60 mil contas no Instagram. Esses resultados sinalizam para a necessidade de um olhar especial, em tempos de isolamento social, para as abordagens da aprendizagem baseada em projeto.

Palavras-chave: Ensino Remoto. Síndrome de Down. Trissomia 21. Pandemia da Covid-19.

ABSTRACT

The pandemic caused by COVID-19 has been bringing unimaginable sequels to all sectors of the Brazilian society, with special impact on the education quality between the years of 2020 and 2022. In this scenario of educational losses, stands out the absence of pedagogical alternatives to guarantee minimum support quality to children with Down Syndrome. With the objective of reporting the contribution of an educational project developed in the field of the subject Science and Human Diversity from the Licentiate Degree in Natural Sciences from the Universidade Federal do Vale de São Francisco titled "Olimpíada Down". The project was developed aiming to empower children with Down Syndrome, specially in the context of the necessary social isolation due to restrictions imposed by the Brazilian health authorities due to the COVID-19 pandemic, as well as foment the apprenticeship of the students from the subject focused on entrepreneurship in the classroom, tangent to the precepts of project based apprenticeship. Among the results stands out the participation of students/families from five states of the federation, Bahia, Pernambuco, Ceará, Paraná and Distrito Federal and the reach of over 60 thousand Instagram

300

accounts. These results signal the necessity of a special view, in times of social isolation, at the approaches of the project based apprenticeship.

Keywords: Remote Teaching. Down's syndrome. Trisomy 21. Covid-19 pandemic.

RESUMEN

La pandemia provocada por el Covid-19 ha traído consecuencias inimaginables para todos los sectores de la sociedad brasileña, con especial impacto en la calidad de la educación entre 2020 y 2022. En este escenario de pérdidas educativas, la ausencia de alternativas pedagógicas para garantizar la calidad mínima de la Apoyo a niños con Síndrome de Down. Con el objetivo de relatar la contribución de un proyecto educativo desarrollado en el ámbito de la disciplina Ciencia y Diversidad Humana de la Carrera de Licenciatura en Ciencias Naturales de la Universidad Federal del Vale do São Francisco titulado "Olimpiada Abajo". El proyecto fue desarrollado para empoderar a los niños con Síndrome de Down, especialmente en el contexto del necesario aislamiento social causado por las restricciones impuestas por las autoridades sanitarias brasileñas, debido a la pandemia de Covid-19; así como fomentar el aprendizaje de los estudiantes de pregrado en la disciplina con un enfoque de emprendimiento en el aula, en línea con los preceptos del aprendizaje basado en proyectos. Entre los resultados, destacamos la participación de estudiantes/familias de cinco estados de la federación, Bahía, Pernambuco, Ceará, Paraná y Distrito Federal, y el alcance de más de 60 mil cuentas en Instagram. Estos resultados apuntan a la necesidad de una mirada especial, en tiempos de aislamiento social, para los enfoques de aprendizaje basados en proyectos.

Palabras clave: Enseñanza a distancia. Síndrome de Down. Trisomía 21. Pandemia de Covid-19.

INTRODUÇÃO

Identificada em 1866, pelo médico britânico John Langdon Down, a Síndrome de Down é uma alteração genética produzida por um cromossomo a mais, no par 21, por isso também conhecida como Trissomia 21. De acordo com o último censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2010, é estimado que haja 300 mil pessoas com Síndrome de Down (SD) no Brasil,

com prevalência de nascimento de uma criança com SD a cada 700 nascidas no país (PEBMED, 2021).

A Síndrome de Down, muitas vezes é associada à doença, mas como dito anteriormente, é uma alteração genética, com a presença de um cromossomo a mais no par 21, ou seja, as pessoas com SD apresentam 47 cromossomos, no lugar de 46. No geral, ela é associada a um atraso intelectual e a um desenvolvimento motor mais lento (LEMOS, SOUZA & SOUZA, 2022). As pessoas com tal trissomia são mais propensas a desenvolverem cardiopatia e outras doenças. Como afirma Coelho (2016), o prognóstico da Síndrome de Down é variável em função das possíveis complicações, como os problemas cardíacos, a susceptibilidade para infecções e o eventual desenvolvimento de leucemia.

O nascimento de uma criança com SD exige maior processo de adaptação dos pais e mães (HENN *et al.*, 2008). Isso se dá por conta do desenvolvimento diferenciado em relação às crianças que não apresentam essa síndrome (CANNING & PUESCHEL, 1993). Dessa forma, torna-se de fundamental importância cuidados especiais para que o desenvolvimento das crianças com Down ocorra no seu nível potencial.

Corroboramos com os preceitos apresentados por Del Prette e Del Prette (2005), que o processo de interação social é condição *sine qua non* para um satisfatório desenvolvimento de crianças com Síndrome de Down. Destaca-se, ainda, as provocações de Barbosa *et al.* (2020), sobre a necessidade de um olhar mais atento às inesperadas mudanças no cotidiano, como interrupção das atividades escolares, espaços de convivência, quebra de vínculos com professores, terapeutas, outros membros da família e amigos, pois geram comportamentos instáveis, angústia e medo em todos, principalmente em pessoas que necessitam de estímulos e cuidados adicionais para um desenvolvimento adequado.

É na infância, etapa fundamental para o desenvolvimento da criança, que são vivenciadas intensas atividades físicas necessárias para a exploração do mundo, conhecimento do ambiente e seu entorno e, com isso, atingir um crescimento satisfatório e uma construção de conhecimento sobre o mundo (OLIVEIRA, 2009). O desenvolvimento humano ocorre a partir de diversos fatores que estão relacionados a questões que vão além das biológicas, logo, os estímulos que as crianças recebem na infância influenciam na formação do sujeito. Para Vigotsky (2001), o comportamento do homem é formado por peculiaridades e condições biológicas e sociais do seu crescimento.

EDUCAÇÃO INCLUSIVA E ENSINO REMOTO

A criança com Trissomia 21 é capaz de aprender e de se desenvolver como qualquer outro ser humano, desde que respeitadas suas peculiaridades. O desenvolvimento humano requer estímulos e intervenções com o intuito de potencializar as capacidades dos mesmos, respeitando as singularidades e o tempo de cada indivíduo. Assim, o desenvolvimento deve ser oportunizado a partir de interações que estão diretamente relacionadas à inclusão (LEMOS, SOUZA & SOUZA, 2022).

Um breve olhar para o processo de escolarização das pessoas com SD indica o quão recente é a história de inclusão com essa condição genética. A Declaração de Salamanca (1994) é um marco ao pensarmos na educação especial e inclusiva. Posteriormente, aprofundaram-se as discussões no sentido de crianças com síndrome de Down frequentarem o ensino regular, o que foi concretizando-se paulatinamente, mediante progressivos dispositivos legais. Como exemplo, a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (2008), o Decreto n. 6949/2009, a Lei Brasileira de

Inclusão da Pessoa com Deficiência (2015), destacando a Resolução CNE/CEB nº 02/2001, que garante que

os sistemas de ensino devem matricular todos os alunos, cabendo às escolas organizar-se para o atendimento aos educandos com necessidades educacionais especiais, assegurando as condições necessárias para uma educação de qualidade para todos (art. 2º, p. 1).

A inclusão de crianças SD na rede regular de ensino contribui, significativamente, com o desenvolvimento e o processo de aprendizagem, visto que o desenvolvimento de habilidades em relação à fala, ao desenvolvimento social e cognitivo estão diretamente relacionados aos estímulos e interação com o meio (OLIVEIRA, 1997). Silva e Kleinhans (2006) afirmam que um ambiente socializador, que promova diferentes possibilidades de descobertas, permitirá a reorganização e a plasticidade cerebral do indivíduo.

Diante do compromisso com a educação inclusiva, as escolas necessitam proporcionar atividades de ensino, visando ao desenvolvimento das habilidades necessárias para uma formação significativa para todos os alunos. Trabalhar com métodos diversificados, que incluam atividades direcionadas a toda a turma, bem como, realização de atividades com grupos menores ou individualmente, avaliando o processo de ensino e a construção do conhecimento, inclusive daqueles que apresentem alguma deficiência, constitui-se compromisso indispensável.

No caso dos alunos com deficiência, é importante construir e respeitar o plano de ensino individual, de modo a estabelecer as intervenções necessárias e a parceria com o atendimento educacional especializado. É fundamental que os desafios estejam claros e que estratégias didáticas sejam estabelecidas, valorizando as características do sujeito e seu potencial de aprendizagem.

Assim, a educação inclusiva convida a sociedade, aqui destacando o papel dos educadores, a aprender a aprender e aprender a ensinar, como afirma Mantoan (2003, p.27), “Uma das maiores barreiras para mudar a educação é a

ausência de desafios, ou melhor, a neutralização de todos os desequilíbrios que ele pode provocar na nossa velha forma de ensinar.” É necessária uma mudança na prática educacional diária, de modo que as potencialidades de cada aluno sejam valorizadas e, assim, seja possível vivenciar aprendizagem e inclusão social de forma mais efetiva nos mais diferentes contextos e situações.

Angélico e Marta (2020) investigaram o impacto da pandemia por coronavírus na qualidade de vida de pessoas com deficiência (PcD), avaliando tal impacto em pessoas beneficiadas pelo Programa de Assistência Integral ao Paciente Especial (PAI-PE), focado nos cuidados pessoais e na saúde geral e mental. Os resultados apresentaram indicadores que demandam uma reflexão urgente e criteriosa, dentre eles, a dependência de 100% dos pacientes. O estudo mostra que 98% recebem ajuda diária de algum integrante da casa, 80% fazem uso de medicamentos de rotina e 19% não têm a necessidade de receber terapias de apoio. Apenas 29% relataram que tiveram os serviços mantidos durante a pandemia Covid-19. Na pesquisa, ficou evidente que a pandemia teve impacto negativo na qualidade de vida das PcD, deixando-as ainda mais vulneráveis, especialmente pelo despreparo das diversas instituições de apoio, no sentido de garantir atendimento mínimo a esse público com demandas específicas.

Uma das características que a pessoa com SD apresenta é uma considerável dificuldade intelectual, estando presente em seu desenvolvimento ao longo da vida, algumas características específicas como

dificuldades com a memória curta auditiva; dificuldades com a linguagem e fala; dificuldades sensoriais com a audição e visão; dificuldade em generalizar uma situação ou lugar para outro; forte consciência e percepção visual e habilidades de aprendizagem visual; atraso na coordenação motora grossa e fina; e dificuldade de processamento auditivo (ANHÃO, PFEIFER & SANTOS, 2010, p. 32).

Dessa forma, é necessário que a criança com Trissomia 21 seja estimulada de diversas maneiras para que aprenda e se desenvolva. As crianças com SD, geralmente, apresentam déficits cognitivos em idade escolar (SCHWARTZMAN 2003; ROSENBAUM *et al.*, RIBEIRO, BARBOSA & PORTO, 2011), bem como problemas de motricidade devido às particularidades morfológicas do quadro clínico (MARTINHO, 2011). Além dessas e outras características apresentadas pelas crianças com Síndrome de Down, podem manifestar mais dificuldade em acompanhar determinadas atividades.

De acordo com Hernandez (2018), as pessoas com SD podem ser surpreendentes e confundir quem não está acostumado a conviver com elas, pois podem se mostrar incapazes de realizar determinada atividade quando, na verdade, podem realizar outra mais complexa. O autor destaca, ainda, que elas têm dificuldade de reter informações devido à limitação da memória de curto e longo prazo. Contudo, a memória procedimental e operacional bem desenvolvida pode ajudar a executar tarefas em sequência com precisão.

Tais crianças têm características físicas muito claras, como: rosto arredondado, olhos amendoados, dificuldades na fala e motoras, entre outras; porém as especificidades cognitivas e psíquicas variam de uma para outra. Tendo essas particularidades, tanto as comuns quanto as específicas, como ponto de partida, trabalhos desenvolvidos para esse público necessitam de adaptações, principalmente atividades adaptadas ao ritmo de cada uma (MARTINHO, 2011).

A OLIMPÍADA DOWN NUMA ABORDAGEM ATIVA DE EDUCAÇÃO

Por conta do avanço da pandemia, causada pelo vírus SarsCov-2 em março de 2020, o Congresso Nacional Brasileiro reconheceu o estado de calamidade pública no país, iniciando o processo de adaptação de todos os segmentos da sociedade para o cumprimento das medidas sanitárias, já em

curso em vários países pelo mundo, por conta da necessidade de diminuir a transmissão da Covid – 19.

Infelizmente, por conta da visão negacionista do governo brasileiro, o Presidente da República relegou, a planos inferiores, a necessidade de implantação de uma Política Nacional de enfrentamento à pandemia, impossibilitando, assim, que os diversos ministérios articulassem-se no sentido de criar uma rede integrada, nacionalmente, para orientar a população, em geral, sobre a necessidade de sistematizar ações coletivas para diminuir o impacto das medidas sanitárias que se avizinhavam.

Ainda em 2020, estados e municípios rebelaram-se, especialmente pelo avanço dos números de casos de infectados e o inaceitável número de mortes, ainda sem orientações do Governo Federal. A maioria dos estados brasileiros foi levada a decretar medidas de distanciamento social, restringindo circulação das pessoas e, conseqüentemente, levando à suspensão das atividades de ensino.

Infelizmente, a pandemia agravou-se e a suspensão das atividades presenciais nas instituições de ensino foi prorrogada, comprometendo o calendário escolar. Neste contexto, os diversos sistemas de ensino iniciaram um processo de adesão ao ensino remoto, fato que posteriormente seria legitimado pelo Parecer 05/2020 do Conselho Nacional de Educação, estabelecendo a “Reorganização do Calendário Escolar e da possibilidade de cômputo de atividades não presenciais para fins de cumprimento da carga horária mínima anual, em razão da Pandemia da COVID-19” (CNE, 2020).

As instituições de ensino, preocupadas com o impacto da suspensão das suas atividades no desenvolvimento das crianças, começaram um movimento frenético de oferta de atividades remotas, sem levar em consideração variáveis que, mesmo no ensino presencial, ainda não estavam verdadeiramente sanadas. Aqui destacamos a incipiente formação docente no sentido de utilização das diversas tecnologias de informação e comunicação na dinâmica

de ensino e a vulnerabilidade de parte significativa dos alunos que, por apresentarem alguma deficiência, nunca encontraram respaldo pedagógico para sentirem-se verdadeiramente incluídos no processo de ensino.

Nesse sentido, a vulnerabilidade dos alunos foi relegada a planos inferiores, seja a vulnerabilidade social no sentido de não terem condições financeiras de arcar com equipamentos para aulas remotas, pacote de dados de telefonia móvel e internet para acompanhar as aulas remotas, passando pela inexistência de oferta de processos pedagógicos que contemplassem as crianças com alguma deficiência.

Nesse vácuo de orientações pedagógicas para acompanhamento das crianças com alguma deficiência e vislumbrando responder as demandas de suporte das famílias no contexto de rigoroso distanciamento social, imposto pelas autoridades sanitárias, foi idealizada a “Olimpíada Down – Celebrando a Diversidade Humana”. A Olimpíada Down constituiu-se um projeto de ensino, no âmbito da disciplina Ciência e Diversidade Humana do Curso de Ciências da Natureza, campus Senhor do Bonfim da Universidade Federal do Vale do São Francisco, realizado na modalidade remota, e pensado com o objetivo de fomentar o aprendizado dos alunos da disciplina acerca das metodologias ativas de ensino, a exemplo da aprendizagem baseada em projetos.

Bacich e Moran (2018) explicitam que, quando pensamos em metodologias ativas e em tecnologias digitais na educação, deparamo-nos com uma gama de possibilidade de aplicativos, plataformas e possibilidades, porém a prática pedagógica, a partir dessa abordagem, necessita ter como protagonista o aprendiz. Teria que haver uma participação ativa deste aluno, assim como uma visão inovadora do professor, no intuito de favorecer ambientes propícios ao protagonismo discente, levando em consideração os conhecimentos prévios; despertar a curiosidade e a vontade de não apenas conhecer conceitos, mas produzir conhecimentos durante o processo de aprendizagem.

Se considerarmos que os indivíduos expressam-se constantemente de diversas formas e que, para cada expressão, alguns conhecimentos são utilizados e outros adquiridos ou produzidos; neste contexto, podemos dizer que não existe educação passiva, o que há, muitas vezes, são metodologias limitantes. Ser passivo, neste cenário, é desconsiderar todos os elementos da ação humana de interação e correlação destas ações com o conhecimento; é não reagir a novas situações, a novos saberes. Então, fica a inquietação: podemos ensinar ou aprender de modo passivo?

E a partir dessa não passividade dos indivíduos, com a junção de metodologias inovadoras ou metodologias mais lúdicas e participativas, esse indivíduo interage com a sociedade, movimenta-se entre novos espaços, assimila e produz conhecimentos; nasce essa noção de educação ativa, a qual permite o movimento natural do desenvolvimento humano.

Essa educação ativa é centrada na problematização e não na memorização dos conceitos. Por isso, aviva a formação dos discentes, favorecendo um comportamento proativo e desenvolvendo a criticidade na aprendizagem. “A metodologia ativa causa impactos na participação e formação integral a partir de diálogo e reflexões.” (SILVA, BIEGING, BUSARELLO 2017, p. 9). Nesse sentido, a metodologia ativa, que por muitos pode ser vista como um novo método educacional, é simplesmente o mecanismo de potencializar o processo de construção do conhecimento a partir da própria atividade do indivíduo, de forma planejada e sistematizada, permitindo, ao aprendiz, um cenário gerador de desafios e oportunidades.

Esse protagonismo e autonomia são conceituados como construcionismo por Seymour Papert (1994). É uma ação educativa que possibilita o indivíduo a construir o seu próprio conhecimento, desenvolvendo novas habilidades a partir da interação com equipamentos tecnológicos e suas múltiplas possibilidades de interação; o equipamento pode ser um computador, um tablet, um aparelho celular ou outro qualquer que a tecnologia sirva de

ferramenta construtiva de formação e reformulação de conceitos e ideias, proporcionando um novo horizonte à educação; tal ação deixa de se apresentar de forma tradicional e mecânica para um espaço de interação múltipla de informação, aquisição, produção de conteúdos e conhecimentos, novas formas de pensar e fazer a educação. Nessa perspectiva, a Olimpíada Down vem corroborar com os conceitos de inclusão, socialização e aprendizagem em uma perspectiva construcionista e interativa.

O uso dos recursos tecnológicos, na Olimpíada Down, auxiliou no processo de socialização desses indivíduos e seus familiares no momento pandêmico, mas também possibilitou desenvolvimento cognitivo a partir da utilização dessas ferramentas. Isso com um propósito educacional capaz de interagir diretamente com o processo de ensino-aprendizagem, instigando os envolvidos, na olimpíada, a acessarem conhecimento e ferramentas educacionais dentro da perspectiva construcionista de Papert. Considera-se, também, a visão construtivista dos processos cognitivos descritos por Jean Piaget (1974), a qual aborda o desenvolvimento do indivíduo como processo eficaz que possibilita o suporte para cada nova experiência de aprendizagem, revelando-nos que cada novo saber adquirido pelo aprendiz é fruto do desenvolvimento total.

Reforçado pelo pensamento de Vigotski (1998), afirma-se que o momento da aprendizagem é o instante de maior significado no processo do desenvolvimento intelectual, originando as formas puramente humanas de inteligência, tanto práticas quanto abstratas, permeadas entre a fala e a atividade prática do indivíduo. Para esse autor, no processo de aprendizagem, quanto mais complexa é a ação ou a problematização exigida pela situação, menos direta será a solução, maior será a importância adquirida pela fala na operação como um todo e, certamente, maior será a assimilação do conteúdo vivenciado.

Outra questão relevante é a ludicidade, instrumento importante no momento da aprendizagem, promovendo a construção do conhecimento

cognitivo, físico, social e psicomotor (SOUZA *et al.*, 2010). Assim, o processo pedagógico fica mais rico, proporcionando uma melhor realidade de educação para todos. Para Piaget (1978), a atividade lúdica é o berço obrigatório das atividades intelectuais da criança.

Dessa maneira, desde o uso de recursos tecnológicos, atividades lúdicas, a vivência de experiências fora do espaço familiar de crianças com SD, contribui para o seu desenvolvimento global e da sociedade como um todo, no sentido de que o processo de inclusão está ligado a entender e oferecer possibilidades que transformem a sociedade, rompendo paradigmas tradicionais, celebrando assim a diversidade humana.

Vivenciamos um período em que a digitalização e a informatização dos processos educativos fazem-se extremamente necessários. Percebemos, atualmente, os indivíduos cada vez mais como desbravadores tecnológicos, apresentando uma gama de possibilidades de produção, aquisição e transmissão de conhecimentos, tanto no mundo virtual quanto no presencial.

Podemos ver a crescente disseminação da educação a distância, dos blogs instrucionais e filosóficos e de inúmeros softwares denominados educativos. Estamos convivendo com um momento da educação, tanto autodidata quanto interativa, por meio de programas e aplicativos que ajudam o indivíduo a assimilar conhecimentos de forma coerente e coesiva. Estamos diante de uma forma nova de aprender que requer um olhar especial na busca de estratégias de socialização e construção de saberes, principalmente neste contexto pandêmico, que fomentam o indivíduo a conhecer e apropriar-se de saberes, desenvolver habilidades e competências para além da sala de aula.

Nessa perspectiva, a Olimpíada Down visa garantir a sociabilidade, o desenvolvimento e a participação na construção de novos conhecimentos de forma motivadora, como bem afirma Papert (1994. p.87), “Se as crianças não

aprendem elas devem estar desmotivadas, então, vamos procurar formas de motivá-las".

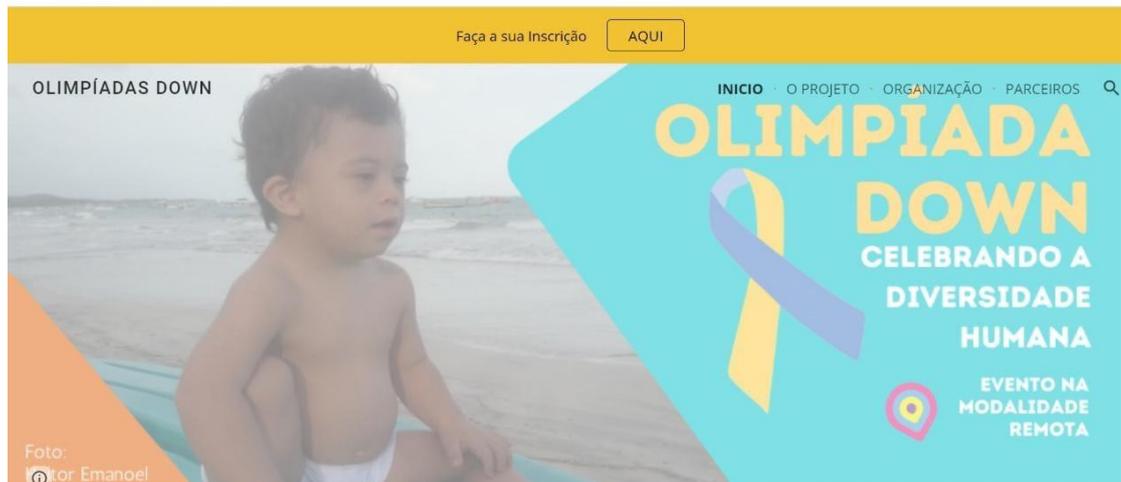
Metodologia

Trata-se de um Projeto de Extensão desenvolvido na disciplina Ciência e Diversidade Humana do Curso de Ciências da Natureza, campus Senhor do Bonfim, da Universidade Federal do Vale do São Francisco, com apoio da Secretaria Municipal de Educação de Senhor do Bonfim - BA.

Foram realizadas discussões com seis licenciandos, como parte do seu processo formativo, relacionadas à educação inclusiva e aos dilemas enfrentados pelos alunos com alguma deficiência, no sentido de acompanhar as atividades remotamente na rede básica de ensino, tangenciando os preceitos da aprendizagem baseada em projetos (SEVERO, 2020); a partir daí, foi elaborado o Projeto “Olimpíada Down – Celebrando a Diversidade Humana”, evento na modalidade remota, especialmente por conta das restrições impostas pelas medidas de isolamento social durante a pandemia da Sars-Cov-2.

Durante a fase de planejamento inicial, foram realizadas oficinas de construção de site, com suporte operacional da equipe de Tecnologia da Informação da Secretaria Municipal de Educação de Senhor do Bonfim, e plano mídia social com funções preestabelecidas para todos/as.

Imagem 1 – página inicial do site oficial da Olimpíada Down.



A participação na primeira edição da Olimpíada foi totalmente gratuita, sendo uma oportunidade de Celebração à Vida e à Diversidade Humana, fomentando o respeito às peculiaridades de cada cidadão/cidadã, especialmente no momento de necessário isolamento social por conta da pandemia causada pelo vírus SARS-CoV-2, que trouxe uma maior exacerbação das necessidades de suporte às famílias e/ou pessoas com alguma deficiência.

O projeto se alicerçava em três objetivos principais: fomentar maior participação das pessoas com SD em eventos externos ao seu ambiente, estimulando uma maior integração e criando espaços para desconstrução de estigmas sociais, impostos por práticas segregadoras, que se perpetuam ao longo da história; criar um instrumento/evento de fomento à celebração da Diversidade Humana, com ênfase nas peculiaridades da Síndrome de Down, especialmente em tempos de pandemia e de situação de risco à saúde mental dessas pessoas, contexto causado pelo distanciamento social e pela mudança de suas rotinas; e, por fim, possibilitar aos/as licenciandos/as, envolvidos/as no projeto, a participação numa estratégia de ensino com abordagem na

aprendizagem baseada em projetos, metodologia essa que assume papel de destaque no contexto da pandemia da Covid-19.

Nessa primeira edição, as inscrições foram exclusivamente para crianças com Síndrome de Down (0 -12 anos – ECA/1990) e realizada em duas fases, estando os/as candidatos/as na obrigatoriedade de definirem a modalidade que concorreriam: a. Música/Dança; b. Esporte c. “Pinto o 7” – Modalidade de livre manifestação (poesia, pintura, etc.).

Os/as inscritos/as, em quaisquer modalidades, deveriam gravar vídeos curtos, de acordo com a temática escolhida, com duração máxima de até 120 segundos (dois minutos), que possibilitassem uma maior publicização nas diversas mídias sociais do evento, das expertises das crianças inscritas. Cada vídeo poderia concorrer apenas em uma modalidade, estando o candidato possibilitado a submeter vídeos diferentes em quaisquer modalidades de seu interesse.

Para as inscrições na Olimpíada Down, o/a candidato/a poderia solicitar o Regulamento e a Ficha de Inscrição pelo e-mail olimpiada.down@univasf.edu.br. Os arquivos também poderiam ser acessados no site do evento <https://sites.google.com/univasf.edu.br/olimpadas-down/inicio>, cujas inscrições deveriam ser submetidas com envio de ficha, termo de autorização e vídeo com a apresentação referente a sua modalidade.

Mesmo o evento não vislumbrando estimular competição entre os inscritos, estabeleceu-se, previamente, em edital, que as produções de vídeo seriam amplamente divulgadas nas mídias sociais, buscando empoderar as crianças e famílias a ocuparem seus espaços, também nas mídias sociais; anulando, assim, o sentimento de exclusão social, muitas vezes presentes no cotidiano dessas pessoas, e fortalecendo as trincheiras em defesa de uma sociedade verdadeiramente inclusiva. Na divulgação dos vídeos para

avaliação/votação do público externo, foi utilizado o perfil do evento no Instagram @olimpiada_down.

Para essa primeira edição, a premiação oferecida pela Secretaria de Educação do município de Senhor do Bonfim foi um “tablet multilaser” para o vídeo com maior número de curtidas, por modalidade de inscrição, no perfil do evento no Instagram, Certificado de Participação para todos/as inscritos/as e Certificado para os campeões por modalidade.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Após o término do período de votação nas redes sociais, previamente estabelecido para o período de 19 a 24 de setembro de 2021, a Comissão Organizadora levantou, via página oficial do evento no Instagram, conta profissional criada para gerenciar o evento, o número de curtidas (critério de votação), visualizações e alcance de cada vídeo, objetivando analisar a dimensão do projeto desenvolvido. Segue um quadro com os valores levantados no perfil oficial da Olimpíada.

Quadro 1: Relação dos vídeos participantes, número de curtidas, visualizações e alcance.

Vídeo	Curtidas	Visualizações	Alcance
1	65	387	804
2	188	733	1.292
3	455	1.709	4.785
4	192	1.194	2.525
5	106	492	1.196
6	558	1.816	2.504

7	120	436	1.008
8	814	2.657	6.052
9	514	1.841	2.827
10	730	1.892	2.971
11	1.329	5.114	10.700
12	415	1.978	4.417
13	119	735	2.494
14	190	808	1.718
15	534	1.170	1.418
16	485	1.179	1.326
17	341	2.923	7.488
18	290	1.061	1.887
19	412	1.256	2.591
Total	7.857	29.381	60.005

Inicialmente, destacamos o extraordinário alcance do evento, que fora previamente idealizado para criar alternativas pedagógicas para as crianças com Trissomia 21 e para seus familiares, durante o isolamento social no Território Piemonte, Norte do Itapicurú no estado da Bahia, área de influência do campus Senhor do Bonfim da Universidade Federal do Vale do São Francisco, mas que alcançou crianças dos estados de Pernambuco, Ceará, Bahia, Paraná e do Distrito Federal.

Conforme regulamento, foram selecionados oito vídeos inscritos na modalidade 1 - música e dança; um vídeo na modalidade 2 – esporte; e dez vídeos na modalidade 3 - “Pinto o 7”. Conforme estabelecido, os vídeos foram disponibilizados para o público em geral no período de 19 a 24 de setembro de 2021, conseguindo os inimagináveis números de 7.857 curtidas, 29.381

visualizações e 60.005 contas de Instagram alcançadas, com inscritos de cinco estados da federação, evidenciando a possibilidade de darmos visibilidade e protagonismos às crianças com Síndrome de Down e fortalecer a bandeira da educação inclusiva, corroborando com os preceitos de Lemos (SOUZA E SOUZA, 2022).

Para além dos números alcançados, destacamos o mais valioso dos resultados, conforme dezenas de relatos recebidos por mensagens no perfil oficial do evento, em que mães celebravam o apoio recebido de suas comunidades, denotando um fenômeno que muitos insistem em não perceber, a vergonhosa invisibilidade que a sociedade brasileira tem para as pessoas com alguma deficiência.

Por fim, destaca-se o protagonismo dos licenciandos envolvidos na operacionalização do evento, desde os estudos iniciais de viabilidade, elaboração do projeto, construção de site, divulgação e gestão das redes sociais, especialmente pelo olhar atento despertado por eles, da necessidade de acompanhar diuturnamente as postagens, para evitar exposição negativa e a presença de possíveis mensagens depreciativas, caso que felizmente não ocorreu. Conforme relatado na avaliação final do projeto, a experiência oportunizou os/as alunos/as a saírem da zona de conforto e proporem alternativas para alcançar esse público específico num contexto de muita dificuldade para todos/as. Corroborando com a pesquisa de Souza *et al.* (2010), o projeto possibilitou ainda que a Universidade assumisse seu papel social de produção de conhecimento e melhoria da qualidade de vida das pessoas na sua área de atuação, numa ação que extrapolou os muros da instituição.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Olimpíada Down, que nasceu com a missão de empoderar as crianças com SD e suas famílias, especialmente no contexto de necessário isolamento

social, imposto dentre as medidas sanitárias para conter o avanço da Covid-19, e a necessidade de fortalecimento da defesa de uma educação verdadeiramente inclusiva, conseguiu resultados expressivos. Criou-se uma rede de apoio a esse público específico, possibilitando a institucionalização de uma ideia que posteriormente transformou-se num projeto, que hoje conta com perfil oficial numa das maiores redes sociais disponibilizadas, com mais de 60 mil contas atingidas.

O evento conseguiu dar visibilidade às crianças/famílias que parecem ser invisíveis para segmentos da sociedade e que buscam, incessantemente, garantir direitos mínimos para melhoria da qualidade de vida.

Por outro lado, o projeto conseguiu oportunizar aos/as licenciados/as a elaboração e execução de um projeto que tangencia as discussões da aprendizagem baseada em projetos que, em tempos de excepcionalidades como na pandemia da Covid-19, consolida-se como estratégia de ensino com resultados satisfatórios, principalmente quando se busca alcançar grupos e/ou necessidades específicas.

REFERÊNCIAS

ANHÃO, Patrícia Páfaro Gomes; PFEIFER, Luzia Iara; SANTOS, Jair Lício dos. Interação social de crianças com Síndrome de Down na educação infantil.

Revista brasileira de educação especial, Marília -SP, v. 16, n. 1, p.32, 2010.

ANGÉLICO, Ana Luiza; MARTA, Sara Nader. Impacto da pandemia por coronavírus na qualidade de vida de pessoas com deficiência. **Salusvita**, Bauru, v. 39, n. 4, p. 965-977, 2020.

BARBOSA, André Machado; FIGUEIREDO, Ana Valéria de; BATISTA, Regina Lucia Napolitano Felício Félix. Os impactos da pandemia covid-19 na vida das pessoas com transtorno do espectro autista. **Revista da Seção Judiciária do Rio de Janeiro**, v. 24, n. 48, p. 91-105, 2020.

BACICH, Lilian; MORAN, José (org.). **Metodologias ativas para uma educação inovadora**: uma abordagem teórico-prática. Porto Alegre: Penso, 2018

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. **Resolução n. 2, de 11 de setembro de 2001**, institui as Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica. Brasília: CNE/CEB, 2001a.

BRASIL. Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva. Brasília, 2008.

BRASIL. **Decreto nº 6.949**, Promulga a Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência e seu Protocolo Facultativo, assinados em Nova York, em 30 de março de 2007. Brasília, 2009.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. **Parecer 5, de 30 de abril de 2020**, que estabelece a Reorganização do Calendário Escolar e da possibilidade de cômputo de atividades não presenciais para fins de cumprimento da carga horária mínima anual, em razão da Pandemia da Covid-19. Brasília: CNE/CEB, 2020.

BRASIL. **Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015**, que Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência - Estatuto da Pessoa com Deficiência. Brasília – DF. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm Acesso em: 05 nov. 2021.

COELHO, Charlotte. A Síndrome de Down. **O Portal dos Psicólogos**, publicado em 13 de mar de 2016. Disponível em <http://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0963.pdf> >, acessado em 11 de maio de 2021.

OLIVEIRA, Lecila Duarte Barbosa; GABARRA, Leticia Macedo; MARCON, Claudete; SILVA, Julia Laitano Coelho; MACCHIAVERVI, Juliana. A brinquedoteca hospitalar como fator de promoção no desenvolvimento infantil: relato de experiência. **Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano**, São Paulo – SP, v. 19, n. 2, p. 306-312, ago de 2009;

DECLARAÇÃO DE SALAMANCA: Sobre princípios, políticas e práticas na área das necessidades educativas especiais. Salamanca – Espanha, 1994. Disponível em < <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanca.pdf> >, acessado em 02 de maio de 2020.

DEL PRETTE, Zilda; DEL PRETTE, Almir. **Psicologia das habilidades sociais na infância**: teoria e prática. 1. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2005.

GIL, Antônio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

LEMOS, Juliana Custódio de Carvalho; SOUZA, Rosangela Vieira de & SOUZA, Manoel Messias Alves de. A Inclusão Escolar de Alunos com Síndrome de Down. In: SANTIAGO, Alvany Maria dos Santos; OLIVEIRA, Gláucio Bessa & SOUZA, Manoel Messias Alves de. **Dinâmicas de Desenvolvimento do Semiárido**, Petrolina – PE, Editora Bella, 2022, p. 44-56.

MANTOAN, Maria Teresa Egler. **Inclusão Escolar**: o que é? por quê? como fazer? São Paulo: Moderna, 2003.

MARTINHO, Liliana Sofia Tavares. **Comunicação e Linguagem na Síndrome de Down**. Dissertação de Mestrado. Escola Superior de Educação Almeida Garret, Lisboa, 2011.

OLIVEIRA, Marta Kohl de. **Vygotsky**: aprendizado e desenvolvimento; um processo sócio-histórico. 4. ed. São Paulo: Scipione, 1997.

PAPERT, Seymour. **A máquina das crianças**: repensando a escola na era da informática; trad. Sandra Costa. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

PIAGET, Jean. **Aprendizagem e conhecimento por Jean Piaget e Pierre Gréco**. Trad. Equipe da livraria Freitas Bastos. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1974.

PIAGET, Jean. **A formação do símbolo na criança**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

RIBEIRO, Maysa Ferreira Martins; BARBOSA, Maria Alves; PORTO, Celmo Celeno. Paralisia cerebral e Síndrome de Down: nível de conhecimento e informação dos pais. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 16, n. 4, p. 2099-2106, 2011.

PORTAL PEBMED. Dia Internacional da Síndrome de Down: como é a abordagem de crianças com a síndrome? [internet] 21 mar. 2019. Disponível em: <https://pebmed.com.br/dia-internacional-da-sindrome-de-down-como-e-a-abordagem-de-criancas-com-down/>. Acesso em: 18 set. 2021.

SEVERO, Carlos Emilio Padilla. **Aprendizagem baseada em projetos**: uma experiência educativa na educação profissional e tecnológica. **Revista Brasileira de Educação Profissional e Tecnológica**, v. 2, 2020.

SILVA, Andreza Regina Lopes; BIEGING, Patrícia; BUSARELLO, Raul Inácio (org.). **Metodologia ativa na educação..** São Paulo: Pimenta Cultural, 2017.

SILVA, Maria de Fátima Minetto Caldeira; KLEINHANS, Andréia Cristina dos Santos. Processos cognitivos e plasticidade cerebral na síndrome de Down. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v. 2, n. 1, p.123-138, 2006.

SOUZA, Manoel Messias Alves; ENUMO, Sônia Regina Fiorim; PEREIRA, Caroline de Moraes; BARBOZA, Emílio Darlan Almeida; VITAL; Fabiana de Almeida; MENDES, Katarina Bezerra; BEZERRA, Rosyaline da Silva. A Inserção do Lúdico em Atividades de Educação em Saúde na Creche-Escola Casa da Criança, em Petrolina – PE. **Revista de Educação do Vale do São Francisco**, Petrolina - PE, v. 1, n. 1, p.39-49, 2010.

VIGOTSKI, Lev Semenovich. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores** – 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

VIGOTSKY, Lev Semenovich. **Psicologia pedagógica**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.